



Matilde Sousa Franco

Caminhos de uma vida invulgar

ISABEL BALTAZAR*

ORIGENS E PRIMEIROS ANOS DE FORMAÇÃO

Maria Matilde Pessoa de Magalhães Figueiredo de Sousa Franco nasceu em Lisboa, na freguesia de Benfica, a 8 de Julho de 1943, filha de João Correia de Magalhães Figueiredo (1908-1994), natural de Vouzela, engenheiro civil e louvado Coronel de Engenharia, e de Carlota Matilde Sérgio Pessoa de Figueiredo (1912-2006), natural de Lisboa, que estudou em casa e foi doméstica.

.....

* Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher, ibaltazar@fcsh.unl.pt

Matilde ficou conhecida por três nomes: Matilde Pessoa Figueiredo, do nome de solteira; Matilde Tamagnini, de 1971 a 1979, nome do seu primeiro marido, e pai da sua única filha, Inês Pessoa Figueiredo Tamagnini (de Sousa, pelo casamento), nascida em 1973. Matilde Sousa Franco é o nome que usa desde que casou, pela segunda vez, em 1983, em Coimbra.

Matilde entrou para a 1.^a classe da instrução primária com atraso de um ano, talvez porque a educação de uma rapariga não fosse considerada importante, mas fez a 2.^a e a 3.^a classes no mesmo ano e, nos exames da 4.^a classe e de admissão ao Liceu, obteve as máximas classificações. Dos 10 aos 12 anos ficou retida na cama devido a gânglios, dura provação que a impediu de estudar durante um ano, obrigando-a a estudar em casa, no ano seguinte. Desta provação tirou partido, dedicando-se à leitura, que lhe abriu fascinantes mundos. Foi nesta altura, com 11 anos de idade, que assistiu a uma manhã de aulas do curso de História da Faculdade de Letras, o que ocasionou a confirmação da sua vocação. Frequentou o 2.^o ano do Liceu no Colégio de S. José, e no 3.^o ano ingressou no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, onde estudou até ao final do percurso liceal, actual 11.^o ano. Por vontade do pai, fez exame na alínea de Filologia Germânica, tendo obtido a média de 16 valores, pelo que foi dispensada do exame de admissão à Universidade.

Ingressou na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, transitando, no ano seguinte, para a alínea de História. Durante a licenciatura (1962-67), fez voluntariado social, sobretudo no CASU (Centro de Acção Social Universitário), ocupação que conciliou com trabalhos de traduções de Inglês e de Alemão. e deu explicações, porque a sua família vivia com parcimónia.

Ficou amiga para a vida de numerosos professores, como Isabel Marnoto; Angelina Rodo, sua professora de História do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho; na Faculdade, Veríssimo Serrão, que cita estudos seus na *História de Portugal*; Mário Chicó, que, nas duas cadeiras de História de Arte, lhe deu as notas mais altas; Oliveira Marques; Vitorino Nemésio; o filósofo Pe. Cerqueira Gonçalves; o Pe. Manuel Antunes. Foi com estes dois últimos mestres e, sobretudo, com o seu tio-avô António Sérgio, que aprendeu os valores da Democracia e do Humanismo.

MUSEÓLOGA E PROFESSORA (1967-2004)

Matilde sempre quis trabalhar num museu de Arte, mas, como precisava de ganhar dinheiro, não o fez na Casa-Museu do seu tio-avô o Escultor João da Silva, onde, ainda assim, colaborou desinteressadamente. Trabalhou como conservadora no Palácio setecentista do Correio-Mor, em Loures, tendo adquirido, para a sua decoração, centenas de antiguidades, a maior parte das quais foram em 1986 vendidas em leilões. Foi conservadora dos Museus Municipais de Lisboa, tendo sobretudo colaborado na montagem do Museu da Cidade e no Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

Com 36 anos, foi directora do Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra, sendo a primeira mulher a dirigir o segundo mais importante museu estatal de Portugal. A sua acção no museu conimbricense consta sobretudo do pormenorizado relatório “Quatro Anos na Direcção do Museu Nacional de Machado de Castro”, publicado pelo museu em 1984, podendo-se destacar as suas acções pioneiras, na Museologia Social, no pedido de classificação de Coimbra como Património Mundial. Foi a primeira museóloga portuguesa a obter uma bolsa Fulbright, com a qual frequentou o primeiro Salzburg Seminar in American Studies, Áustria, dedicado a museus.

Enquanto directora do Palácio Nacional de Sintra, foi precursora no pedido de classificação de Sintra como paisagem cultural mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Foi conservadora/directora e reorganizou o Palácio/Museu da Assembleia da República/Parlamento, e o Museu de São Roque. Elaborou um projecto pioneiro de um Museu da Interculturalidade de Origem Portuguesa. Quando o seu marido foi ministro das Finanças (1995-99), sugeriu, a título gratuito, a criação do Museu do Dinheiro, motivos históricos portugueses para as moedas de euro, etc. Foi, igualmente, a primeira museóloga a trabalhar nas colecções da Academia das Ciências de Lisboa.

Como convidada, deu aulas de História de Arte na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e na Universidade Católica Portuguesa.

É membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, da Academia Portuguesa da História e da Academia Nacional de Belas-Artes.

BREVE INCURSÃO NA POLÍTICA

Matilde Sousa Franco foi a primeira mulher deputada à Assembleia da República, como cabeça de lista do Partido Socialista (PS) pelo distrito de Coimbra (2005-2009). O seu mandato revelou-a como mulher de combates e de nobres causas. Independente, é de salientar o seu estilo muito próprio e inovador de fazer política, evidente no mote escolhido para a campanha eleitoral, o “Amor”, inspirado na comemoração do 650.º aniversário da morte de Inês de Castro. A sua forma diferente de fazer política seria destacada no discurso de despedida no Parlamento: “Servi Portugal e servi Coimbra”, finalizando um percurso de deputada marcado por assumidas convicções católicas. Nos seus combates, sempre dirimidos com argumentos não religiosos, esteve presente a defesa dos mais fracos, a estabilidade das famílias, os direitos dos idosos, a questão demográfica, segundo ela, princípios basilares para a construção de uma sociedade equilibrada e feliz.

Foram inovadoras muitas das suas propostas. A classificação como Património Cultural Imaterial pela UNESCO do Fado, da história/lenda de Inês de Castro, das Festas do Espírito Santo e da Festa dos Tabuleiros de Tomar. Na luta contra o aborto, a necessidade de Humanismo, da felicidade das mulheres e das crianças e da sociedade em geral. Escreveu, por exemplo: “Aborto: votar Não coloca Portugal pioneiro do Humanismo”. Na campanha do referendo à despenalização do aborto (2007), o seu slogan foi “Moderno é votar Não”, fazendo a apologia do século XXI como o século dos Direitos Humanos. Votou contra o Projecto de Lei n.º 485/X do Bloco de Esquerda que “Cria o Regime Jurídico do divórcio a pedido de um dos cônjuges”, alegando o facilitismo dos processos de divórcio. Posicionou-se também contra os casamentos entre pessoas do mesmo sexo, sugerindo uniões civis registadas, etc.

EDUCAÇÃO PARA A PAZ GLOBAL SUSTENTÁVEL

O programa “Educação para a Paz Global Sustentável/*Education for Global Peace Sustainability*” é outro pioneirismo de Matilde Sousa Franco, sobre o qual escreveu no *Observador*, a 16 de Agosto de 2017, quando a UNESCO o aprovou. Este projecto, apresentado como a primeira cátedra

UNESCO da Universidade de Lisboa, conta com apoios de mais de uma centena de pessoas e instituições, portuguesas e estrangeiras de variados países. É muito curiosa a maneira como Matilde nos conta como nasceu este sonho e como a vida se vive de sonhos, que, sendo bons para o mundo, encontram sempre o caminho para se realizarem, como confessa com o seu natural optimismo: “Todos podemos (e devemos) ser úteis à sociedade, e não há limite de idade para sonhar: concebi este sonho com 62 anos, e durante os 12 anos decorridos lutei arduamente pela sua concretização, como mero elemento da sociedade civil, apenas por achar que, embora modestamente, poderia ajudar a melhorar os corações, a favor da Paz no Mundo”.

Ao perguntar-lhe como se pode viver a sonhar, a preparar o futuro, Matilde responde com prontidão: “Sempre se podem fazer limonadas a partir de amargos limões, como o meu querido pai me ensinou”. Conta que em 2005 se lembrou de juntar a sua velha paixão por Psicologia à paixão pela Educação, sobretudo a nova Psicologia Positiva, que descobriu quando esta disciplina dava os primeiros passos, no início dos anos 90, tema que tinha o seu rosto, porque toda a sua vida fora uma mulher de combates positivos.

Confidencia que nada na sua vida foi por acaso, porque foi a sua história pessoal que a levou a ser tão combativa e uma mulher de causas, como é notório numa conferência realizada sobre o tema “Violência e Mulheres”, que a inspirou a lutar por todas as formas de não-violência. Diz, em tom de brincadeira, que desde pequena experimentou o confronto com dois irmãos rapazes. Para se defender, começou desde cedo a ler livros de Psicologia. Assim, a Psicologia e a Educação tornaram-se os seus *hobbies*, embora as escolhas profissionais tenham sido no sentido da História: a Psicologia era um instrumento pessoal de defesa e compreensão dos outros, a Educação o caminho para chegar à Paz, e a História a ferramenta para melhor compreender o presente e perspectivar o futuro; a este conjunto, acrescenta a História da Arte, para que “a Beleza envolva tudo”. Como a própria afirma, “não é a Paz uma suprema forma de Arte?”.

A nossa pioneira defende a prevenção de conflitos nas próprias pessoas, individualmente, através de mecanismos psicológicos de gestão de emoções e de uma educação para a paz interior, para relacionamentos saudáveis, fundamentos de uma paz individual e da paz social.

Reconhece-se que o nosso êxito depende 80% do Quociente Emocional (QE) e 20% da Inteligência (QI). Perante estes dados, e com a certeza de que

o QE pode ser sempre melhorado ao longo da vida, Matilde lembrou-se de esboçar um programa em três pilares: 1. incluir o ensino da gestão das emoções desde o pré-escolar até ao fim da universidade; 2. facilitar o acesso a esta aprendizagem a todos os interessados; 3. premiar iniciativas a favor da Paz, em todas as áreas.

Para aqui chegar, muitos passos foram dados e muitas conquistas conseguidas, enumerando Matilde algumas. O seu “Memorandum Educação para a Felicidade, para a Globalização da Paz”, foi aprovado por Marcelo Rebelo de Sousa, sendo-lhe concedido o Alto Patrocínio da Presidência da República, em 2017. Também obteve o prestigiado apoio do Professor Adriano Moreira, Presidente do Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa, que a convidou para ser colaboradora do Instituto. Por último, o documento científico a enviar à UNESCO foi redigido pela equipa académica da Professora Helena Marujo.

Entretanto, Matilde escreveu textos sobre a Educação para a Paz, estabeleceu contactos internacionais, como com o Professor James Pawelski, director da International Positive Psychology Association, que considerou o projecto inovador e aliciante, e com o Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), que o aprovou a 3 de Março de 2017.

Matilde tem consciência de que o programa “Educação para a Paz Global Sustentável”, com recurso às novas tecnologias, é de longuíssimo prazo e não ficará concluído em tempo da sua vida. Este ambicioso programa procura evitar conflitos, numa convergência com a “diplomacia de prevenção” defendida pelo Secretário-Geral da ONU. Como a própria afirma, “espero que este programa seja útil à ONU o mais depressa possível, vá desde cedo prevenindo conflitos, vá ajudando a construir uma mais alicerçada Paz, o que já me fará feliz”.

Com a aprovação da cátedra Global Peace Sustainability (GPS), pela UNESCO, Matilde sente que o sonho já começou a ser realidade e que o pode viver no seu tempo, acreditando que a GPS caminhará no futuro em direcção a uma Educação para a Paz e a um Mundo Melhor. Bem-haja, Matilde!